



PORTUGUESE WOMEN {IN TECH}

ESTE BOOKLET É UMA FERRAMENTA DE ATIVAÇÃO
PARA QUE MAIS MULHERES COMPREENDAM
A SUA IMPORTÂNCIA E IMPACTO E, DESSA FORMA,
SE JUNTEM À COMUNIDADE TECNOLÓGICA

INDEX

04	PREÂMBULO
05	MANIFESTO
06	SCALE UP PORTO
07	AS MULHERES-EXEMPLO DA TECH-SCENE PORTUGUESA
28	JUNTA-TE À COMUNIDADE
38	EVENTOS QUE NÃO PODES PERDER
42	ECOSYSTEM PLAYERS
48	A TECH-SCENE FEMININA... EM NÚMEROS
50	PELO OLHAR DOS HOMENS
52	INSPIRAÇÃO ALÉM-FRONTEIRAS
54	FAZ ACONTECER!

PREÂMBULO

ANA TERESA LEHMANN

Secretária de Estado da Indústria



A tecnologia é, cada vez mais, um mundo de mulheres. Se durante muitos anos os engenheiros, os criativos, os programadores das empresas tecnológicas eram predominantemente do sexo masculino hoje já temos muitas – e excelentes – mulheres nestas empresas - desde as mais estabelecidas até às startups. E mesmo que este seja um caminho que ainda tem muito para ser percorrido já temos sinais de forte presença e liderança no feminino. O movimento Portuguese Woman in Tech é uma representação de um universo cada vez mais alargado e diverso. A tecnologia pode, sim, ser um lugar para mulheres. As empresas podem, sim, ser criadas, conduzidas, melhoradas por mulheres. O número de mulheres em cargos de liderança ou na fundação de startups tem vindo a aumentar nos últimos anos e atualmente quase um terço das startups

são lideradas por mulheres. As novas empreendedoras, as novas gestoras, as novas empresárias e as jovens que sonham com a criação da sua startup tecnológica podem e devem fazer parte desta mudança. Porque a excelência não é exclusiva de liderança no feminino ou masculino. Porque os cargos em inovação, em liderança e na fundação de tecnológicas não são apenas para homens. Porque o talento nacional não tem género. Porque a próxima grande empreendedora podes ser tu.

MANIFESTO

LILIANA CASTRO

Fundadora da comunidade Portuguese Women in Tech



A ideia surgiu pela compreensão da necessidade de mecanismos que mostrem que nós, as mulheres, estamos igualmente presentes e inegavelmente envolvidas nas conquistas que levam o nome de grandes startups e empresas, além-fronteiras.

Do primeiro programa de pré-aceleração nacional que se internacionalizou e chegou a dezenas de outros países, a uma das grandes tecnológicas nacionais que conquistou o mercado do outro lado do Atlântico. De uma médica que se dedicou a desenvolver uma solução que melhorasse a qualidade de trabalho dos médicos, a uma advogada que deixou a sua experiência corporativa para se dedicar a garantir que as startups estão legalmente bem aconselhadas.

Esta plataforma é uma montra que apresenta os diferentes perfis, experiência, conhecimento, de mulheres que são todas elas diferentes, mas igualmente importantes.

Nem só de homens se fazem os unicórnios e nem só de homens se desenvolve e alimenta um ecossistema como a comunidade empreendedora nacional. Há muitas mulheres envolvidas, de engenheiras a marketers, de fundadoras a exploradoras insaciáveis, e a realidade é que as mulheres são parte integrante de todos os casos de sucesso reconhecidos na comunidade tecnológica nacional.

A plataforma **PORTUGUESE WOMEN IN TECH** pretende assim apresentar um retrato das mulheres portuguesas que fazem a diferença na indústria tecnológica, despertando a atenção dos mais curiosos para o que de bem se faz em Portugal, pelas mãos de mulheres empreendedoras.



SCALEUP PORTO CALL FOR ACTIVITIES

O ScaleUp Porto. é uma estratégia liderada pela Câmara Municipal do Porto que, em parceria com o ecossistema da cidade, procura desenvolver um novo alinhamento estratégico que contribua para a valorização do conhecimento e a promoção da inovação. O objetivo é garantir um forte impacto no desenvolvimento económico da cidade, na criação de emprego altamente qualificado e na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Em 2017, a Câmara Municipal do Porto, enquadrada na estratégia ScaleUp Porto, desafiou a comunidade empreendedora a desenvolver atividades que contribuam para um ecossistema mais ativo e dinâmico. Dessa convocatória, surgiram dezenas de projetos e a comunidade Portuguese Women in Tech foi uma das dinâmicas escolhidas, tendo o apoio do ScaleUp Porto para o desenvolvimento deste booklet e de eventos de comunidade.

O booklet que têm nas mãos pretende ser um instrumento de comunicação, de motivação, de desbloqueio. Uma ferramenta de ativação para que mais mulheres compreendam a sua importância e impacto, e dessa forma, se juntem à comunidade optando por trabalhar em áreas tecnológicas ou com impacto semelhante.

Os eventos têm como missão continuar a motivar a igualdade de género e abrir a porta a que as mulheres da comunidade se conheçam e interajam, permitindo também que a restante comunidade as conheça e reconheça.

Com esta iniciativa, a estratégia ScaleUp Porto. dá, assim, mais um passo no sentido de inclusão da comunidade empreendedora, abrindo também a porta a que todos nós possamos ser parte ativa do movimento.

AS MULHERES-EXEMPLO DA TECH-SCENE PORTUGUESA

ENTREVISTAS



Catarina, como é que surgiu o teu interesse pela tecnologia?

Desde muito nova que tenho um grande interesse por tecnologia. Sempre gostei muito de jogos e tinha um vizinho que tinha uma SNES, passávamos tardes a jogar a tentar chegar ao fim do jogo! Outro vizinho tinha uma Nintendo 64 e era fascinante o estarmos todos juntos a tentar passar níveis. Era tudo muito social e desafiante porque nos obrigava a interagir! Por isso chateei o meu pai para ter uma consola e acabei por ter todas... Isso levou-me a pensar como eram feitos os jogos, como é que uma consola funciona, depois como é que o computador funciona... ainda cheguei a desmontar uma delas.

E como é que entraste de facto no mundo da tecnologia?

Entrei na Licenciatura em Engenharia Informática na Universidade do Minho. Engenharia Informática era a única opção para mim, não me via a tirar Medicina

CATARINA MACEDO

Program Manager
da Xbox Live na Microsoft HQ

por exemplo. Na altura, sabia zero sobre programar. Aliás, nos primeiros dias sentia que toda a gente sabia mais do que eu e foi um bocadinho assustador. Achava que sabia sobre tecnologia e afinal não sabia nada, mas correu tudo bem e acabei por aprender tudo.

Tinhas muitas colegas raparigas? Havia alguma estranheza, na altura, por existirem raparigas em Informática?

Comecei em 2008 e entrámos 10 raparigas, mas só acabaram três, contando comigo. Éramos muito muito menos e por isso sim, havia. Mas a Universidade do Minho tem uma cultura excelente, nesse aspecto. Uma coisa que ajudou, por exemplo, foi a praxe. Lá, éramos todos tratados da mesma maneira, rapazes e raparigas... por isso acabávamos por nos sentir o mesmo. Nós fazíamos o mesmo que eles. Aliás, nunca senti grande diferença enquanto estava a estudar... senti mais no mercado de trabalho.

Como por exemplo?

Nunca tive descaradamente problemas de discriminação, mas às vezes bastam pequenos comentários, o facto de não se chegarem a ti para pedir ajuda só porque és mulher e podes não saber tanto como um homem... é mais esse tipo de sentimentos. Sinto que tenho muito mais a provar que um homem que está na mesma posição. Não vemos isso ao início mas com a repetição acabamos por perceber. Por exemplo, quando eu dava workshops nas universidades de game development, uma área onde ainda hoje não há muitas raparigas, parecia que estudantes e professores não queriam ou não se sentiam confortáveis em fazer-me perguntas. Parecia que pensavam que estava a seguir um *script* e não porque sabia do que estava a falar, não havia *engagement*. A estratégia que usei para combater isso foi colocar nos primeiros slides do Powerpoint fotos minhas a jogar nos torneios, os meus scores na Xbox... para mostrar que era gamer. Funcionou muito bem e continuei a fazer mas pensava sempre "Porque é que raio preciso de fazer isto?".

E depois, como é que se desenvolveu o teu percurso no mercado de trabalho até ao ponto em que estás hoje, na Xbox?

Quando me mudei para Lisboa e entrei no Instituto Superior Técnico para fazer o mestrado fui escolhida para integrar o Microsoft Student Partner, um programa da Microsoft em que alguns estudantes portugueses são selecionados para



realizarem eventos relacionados com a empresa. Fiquei super feliz porque a Microsoft sempre foi um dos sítios em que mais gostaria de trabalhar, eu era super fã da Xbox. Mais tarde, comecei um estágio a gerir o programa e a fazer workshops de game development, por exemplo, pelas universidades. Foi um ano espetacular, em que tive a oportunidade de ver como a empresa funcionava, conhecer as pessoas lá dentro, aprender imensas tecnologias sobre as quais não fazia a mínima ideia... E no final consegui entrar no programa Microsoft Academy for College Hires, um programa de dois anos para pessoas que acabam a universidade e que é basicamente uma excelente plataforma de entrada para a Microsoft. Foi espetacular para aprender! Passado um ano e meio

a tentar muito ir para a xbox, recebi o convite para me mudar para os Estados Unidos. Parece surreal ter mesmo acontecido!

Isso quer dizer que estás a realizar um sonho?

Sim! Estou super feliz, isto é o meu sonho. Sabes que aos 17 anos vim a Seattle a uma final de uma competição de Years of Wars, que eu jogava na altura. E eu sabia que a Microsoft era lá, algures. E eu lembro-me de pensar "Um dia venho trabalhar para cá, para a Microsoft. Adoro esta cidade e quero vir morar para cá!". Mal eu sabia... mas a verdade é que 10 anos depois, aconteceu.

Já falámos nas barreiras que as mulheres têm de ultrapassar no mundo tecnológico... mas também há vantagens em ser mulher, do teu ponto de vista?

Sim, sem dúvida. Só o facto de estarmos habituadas a estar numa posição mais difícil já nos ajuda a ultrapassar certos desafios. Graças a isso temos mais resiliência, uma força interior diferente. Depois, o facto de agora haver uma grande aposta na diversidade e na inclusão, abre-nos muitas portas. Não acho que alguém deva contratar uma mulher só porque é mulher, mas pelo menos sabemos que inserem as mulheres nos loops de entrevistas, que são criadas oportunidade de igual forma. E depois, com as comunidades e os cursos que têm surgido, é uma boa altura para se ser mulher na tecnologia

e aproveitar as oportunidades que surgem, cada vez mais.

De que forma é que o conselho que partilhaste na plataforma PWIT, e passo a citar "Say yes until you can't say no", tem contribuído para o teu sucesso?

É um conselho que pode ser mal interpretado mas eu explico. Isso reflete a forma como eu vim para cá, por exemplo, que não é uma decisão fácil. Na altura, um mentor abriu uma vaga aqui em Redmont e perguntou-me se estava interessada. Fiquei a pensar e não sabia se estava, mas decidi dizer que sim. As entrevistas correram bem e a pessoa voltou a confirmar se avançava com a proposta. Pensei sobre a família e o facto de mudar para o outro lado do mundo... mas disse que sim. Talvez a oferta não fosse nada de jeito e depois logo se via... mas a oferta era incrível e tratavam tudo por mim. "E agora? Pronto, vou dizer que sim." Ou seja, fui dizendo que sim até que me apercebi do que se estava a passar já no avião, com o meu gato. Ou seja, a ideia é tirar um bocadinho o peso de cima da decisão e pensar "Vamos dizer que sim para ver o que acontece". A qualquer momento eu podia voltar. Portanto, assim que virem uma oportunidade que vos entusiasme e que seja algo que queiram muito, evitem o medo de dizer que sim. Digam que sim até já não ser possível dizer que não... que é basicamente quando estão no avião.



Cláudia, como é que surgiu o teu interesse pela tecnologia?

Desde miúda que eu sempre acompanhei o meu pai a fazer pequenas reparações nos electrodomésticos e sempre gostei de explorar a parte eletrónica das coisas, desmontar e montar coisas... Com 12 anos tive o meu primeiro computador e era a única rapariga e provavelmente a única pessoa que tinha um computador. A partir daí, sempre achei aquela máquina interessante e quis perceber como é que aquilo funcionava.

E como é que se iniciou o teu percurso nesta indústria?

O meu percurso escolar foi normal, até ao 12.º ano, só a partir daí é que foi diferente de toda a gente. Decidi aprender mais sobre aquilo que eu gostava, que eram os computadores. Inicialmente queria entrar na área de programação, porque queria mesmo saber como é que as coisas funcionavam lá dentro, mas não consegui, por outros motivos alheios a mim. Por isso, acabei por seguir a área de redes e especializar-me

CLÁUDIA FREITAS

Computer Networking Teacher
no ISMAI/IPMAIA + Executive Director
& IT no Instituto Onda Technology
+ Co-Founder da Academia Onda
Technology

nessa área. Entretanto, apercebi-me que dentro da Informática, eu gostava de muita coisa. Entretanto, depois de fazer várias formações da CISCO, comecei a trabalhar neste mundo e, ao mesmo tempo, a dar aulas.

Como é que as pessoas à tua volta reagiram a este interesse particular, tão pouco comum das raparigas, na altura?

Em casa, tudo bem. Os meus pais sempre me apoiaram em tudo e nunca me tentaram convencer a seguir uma determinada profissão, como Medicina ou assim. Mas para teres uma ideia, eu entrava numa sala de aula (até quando já era para dar aulas, eu ensinava Linux em Sistemas Operativos), toda a gente ficava a olhar para mim. Quando estava a estudar, toda a gente ficava "oh, uma rapariga aqui? Mas o que é que ela vai aprender?".



Achas que isso acontecia por existir algum tipo de estigma por parte dos teus colegas?

Sim, porque na altura havia e ainda há. Se houvesse mais mulheres na área acho que eram capazes de se abstrair mais, mas quando eu tirei as certificações da CISCO, por exemplo, eu era a única mulher. E depois, para além disso, eu tinha uma formadora (que também era mulher) mas ela própria se condicionava e abordava tudo de forma superficial, sem explorar

muito. Não era um bom exemplo e por isso o pessoal acabava por me “pôr no mesmo saco” e ver-me da mesma forma. Depois de me conhecerem e de verem que não é assim, as pessoas mudam de atitude. Mas no início é sempre um bocadinho difícil.

Sentes que as mulheres têm de passar mais por essa fase de “provação”, de mostrar que são boas no que fazem?

Sim, sem dúvida.

E como é que tu achas que se deve lidar com isto?

Sempre de cabeça erguida! E depois é assim: se sabemos, mostramos que sabemos; se não sabemos, não há problema. Vamos aprender e, no fim, vamos mostrar que conseguimos na mesma. Um exemplo: a turma a que dou aulas, neste momento, não tem uma única rapariga... e eles não estão habituados, por isso tenho muitas vezes os rapazes a fazerem-me perguntas difíceis, a tentar apanhar-me em rasteiras. Na turma anterior tinha uma rapariga e, no fim, ninguém tinha problemas em tirar dúvidas com ela. E ela tinha uma dificuldade acrescida, porque vinha de uma área nada a ver com informática... mas conseguiu dar a volta.

Já percebemos que existem alguns obstáculos... mas e oportunidades? Quais são as vantagens de ser mulher nesta área?

O facto de ser mulher e de por isso ter outra forma de lidar com as pessoas, enquanto dou aulas, é uma grande vantagem. Há alunos com os quais é difícil lidar, turmas mais complicadas, e eu, dizem-me os meus colegas, tenho um “jeitinho especial” que muitos colegas homens não têm. Tenho mais paciência, também. E lá acabo por lhes conseguir dar a volta.

E nas empresas? Qual é a grande vantagem da diversidade de género?

Para além de dar aulas, trabalho numa organização sem fins lucrativos. Juntei-me à equipa porque o fundador percebeu que eu era alguém que “falava a língua dele”... e não era um rapaz. Eu sou a única rapariga a trabalhar aqui e sou eu que acabo por gerir estas mentes que muito gostam de divagar (risos). Nas reuniões, por exemplo, a minha presença faz toda a diferença. Eu consigo ter uma perspetiva diferente, mostrar outros pontos de vista, organizar ideias. Ter várias pessoas diferentes nas empresas é sempre crucial e claro que isso inclui ter mulheres nas equipas. Faz muita falta e ajuda a manter um bom equilíbrio, também.

Tu tens sido, muito frequentemente, a única rapariga na sala!

Sim (risos). Na licenciatura, nas certificações, na organização... vá, no mestrado não era a única! Ainda que as outras raparigas não fossem exatamente da área.

É por isso que é muito bom ir aos eventos das comunidades *women in tech* e conhecer outras pessoas que “falam a minha língua”... e não são rapazes!

Sentes-te a “desbravar terreno” para as futuras mulheres da área?

Muito! Sempre! Todos os dias! Uns dias mais fáceis, outros menos. Por exemplo, uma vez um professor duvidou que eu tivesse feito o código de um trabalho porque “estava muito bem organizado”. Para a apresentação, repliquei o programa três vezes em três linguagens diferentes, não deixou dúvidas.



SÍLVIA COIMBRA

Product Owner na Farfetch

Sílvia, como é que surgiu o teu interesse nesta área?

Não foi desde pequena que soube que queria trabalhar na área da tecnologia. Esta foi uma área que fui explorando e aprendendo a gostar. Muitas vezes as pessoas associam a tecnologia só a programação propriamente dita ou a questões mais técnicas - e eu tinha também este preconceito, quando era mais nova. Por isso, acabava por nunca me interessar por tecnologia. Mas a tecnologia vai muito além disso, até à forma como a utilizas e o valor que isso pode trazer à sociedade ou a uma empresa. E à medida que fui crescendo, apercebi-me disso.

E como é que se iniciou o teu percurso na tecnologia?

Comecei a contactar com a tecnologia através de alguns eventos que me chamaram a atenção, mais na área da inovação. Foi assim que entrei

no ecossistema. Depois, fui trabalhar para uma empresa de telecomunicações, no desenvolvimento de produto. Por isso estava ligada à pesquisa de mercado, de novas tecnologias, inovação... por isso acabei por me interessar muito por essa área. E por ter aprendido muito, acabei por perceber que queria trabalhar numa empresa que estivesse a trabalhar a tecnologia de uma forma mais disruptiva. Agora trabalho na Farfetch há um ano e meio, que apesar de se apresentar como uma empresa de moda, é acima de tudo uma empresa de tecnologia.

Tens conseguido partilhar este interesse com outras mulheres ou estás maioritariamente rodeada de homens?

Estudei numa área diretamente ligada à tecnologia, tirei Gestão na Faculdade de Economia do Porto, por isso sempre houve um grande equilíbrio de géneros.

Aliás, ainda que este assunto da igualdade de géneros me interesse muito, na faculdade esse assunto nem me passava pela cabeça. Quando entrei no mundo profissional, como entrei para a área de Marketing e de produto, também não senti diferença. Depois, o que me despertou o interesse para o tema da igualdade de géneros foi a liderança das empresas... e isso vai além das empresas tecnológicas (ainda que piore nestes casos). Na liderança das empresas sim, começa a haver uma desigualdade muito grande de géneros, já que são maioritariamente homens. E isso surpreendeu-me, precisamente por nunca ter sentido essa diferença antes, no meu dia-a-dia. Não conseguia encontrar uma razão lógica.

Sentes-te uma mulher num mundo de homens, é isso?

Não, este não é um mundo de homens. Aliás, eu sinto-me tão capaz como eles. E o papel das mulheres nestas situações nunca deve ser de “coitadinha”, porque as oportunidades de atingir os nossos objetivos são iguais para homens e mulheres. Eu nunca senti isso... É importante sim reconhecer que essa desigualdade na liderança existe e tentar perceber quais as razões. E isso foi o que eu tentei fazer, investigar sobre o assunto, falar com mulheres em cargos de liderança... e a realidade é que existem muitas causas.



É um assunto muito complexo que vai desde a educação aos estereótipos da sociedade. Mas também muitas razões que são internas às próprias mulheres, que às vezes se limitam a elas próprias sem se consciencializarem disso. Por isso, neste assunto, é importante criar awareness para que outras mulheres não tomem decisões que condicionem os futuros delas... porque temos as mesmas capacidades.

E que vantagens têm as mulheres, no mundo da tecnologia?

Não vejo vantagens ou desvantagens mas capacidades diferentes. Que são muito complementares às dos homens. A diversidade que as diferentes pessoas trazem a uma equipa, seja de género ou de cultura, é que faz com que as empresas consigam evoluir e crescer... porque as pessoas não pensam todas da mesma forma. Temos pontos fortes e pontos fracos, claro, e pode generalizar-se alguns deles, mas depois depende muito de pessoa para pessoa.

Tiveste referências, role-models, durante o teu percurso? Outras mulheres que te tenham inspirado, por exemplo?

Quando me comecei a interessar pela questão da desigualdade de géneros na liderança falei com muitas mulheres em cargos de liderança e pedi a muitas delas até se juntarem a pequenas sessões em que pudessem expôr a experiência delas a outras pessoas. Porque acho que esta questão dos role models é muito importante. Enquanto seres humanos, as nossas ideias são muito afetadas pelo que vemos. É importante saber o que as motiva, que escolhas é que elas fizeram, as dificuldades que tiveram... e como é que lidaram com elas. Falar com estas mulheres é uma experiência espetacular. E não devemos

ter medo de falar com estas pessoas... eu tive surpresas incríveis! Temos sempre o preconceito de que as pessoas em cargos de liderança acabam por ser mais indisponíveis e a maior parte delas estavam super disponíveis para partilhar as histórias delas, cheias de energia e abertura.

Na entrevista à plataforma PWIT, disseste que o melhor conselho que já recebeste era, e passo a citar, "Forget your weaknesses. Play to your strengths and interests". Posso perguntar porquê?

A nossa educação é sempre muito focada em sermos melhores e em melhorarmos aquilo em que somos maus. Eu sempre estive muito focada em perceber o que fazia bem mas essencialmente o que fazia mal e, ao longo do caminho, fui percebendo que não valorizava os meus pontos fortes. A realidade é que, ao me preocupar só em melhorar os meus pontos fracos, eu me estava a igualar com a média de toda a gente e nunca me ia conseguir diferenciar. O que nos diferencia são os nossos pontos fortes, nós nunca vamos ser bons a tudo. Por isso temos de perceber que valor trazemos para a sociedade e tentar maximizar isso mesmo.

AS MULHERES-EXEMPLO DA TECH-SCENE PORTUGUESA

OPINIÃO

QUE A FORÇA ESTEJA CONTIGO!

por Inês Santos Silva

Assessora da Secretária de Estado da Indústria



Este ano (2017) celebro 10 anos que entrei na faculdade. Foram 10 anos intensos de trabalho, de muitas coisas que correram bem e de outras que correram menos bem, mas foram acima de tudo 10 anos de muita aprendizagem e crescimento. Não sou pessoa de grandes introspecções, mas sinto que existem três coisas que aprendi ao longo deste tempo e que te podem ajudar:

1. Não deixes que a escola ou o trabalho matem a tua curiosidade. Temos que nos manter curiosas, sempre com vontade de aprender, de saber mais e de explorar novos caminhos. Num mundo em que o acesso à informação é livre e (quase) universal a originalidade é muito valorizada. Descobre as tuas forças e leva-as ao limite.

2. Rodeia-te por pessoas melhores do que tu. Acredito cada vez mais que nós somos a média das cinco pessoas com quem convivemos mais no nosso dia-a-dia. Procura pessoas que te desafiam e te ajudam a crescer quer enquanto pessoa, quer enquanto profissional. Pelo menos nos primeiros 10 anos pós Universidade, as nossas decisões profissionais devem ser únicas e exclusivamente influenciadas pela qualidade das pessoas

com quem vamos trabalhar e pelo que vamos aprender. No curto prazo e aos olhos dos outros essa decisão pode parecer estranha, mas no longo prazo compensa totalmente.

3. Por fim, muito relacionado com o ponto anterior, encontra uma líder que realmente admires e faz tudo para trabalhares com ela. Pode correr mal e as tuas expectativas ficarem defraudadas, mas se correr bem pode ser *"life-changing"*.

Serão muitos dias em que vais desejar uma "vida normal", mas rapidamente irás perceber que o caminho da diferença e originalidade é muito mais recompensador. Que a força esteja contigo!

SOMOS TODAS "WOMAN IN TECH"

Por Cristina Fonseca

Co-Founder da Talkdesk



As mulheres representam 50% da população mundial e todas somos ávidas utilizadoras de tecnologia. Usamos smartphones, fazemos compras online e colocamos as nossas mãos e as nossas avós a usar o WhatsApp e o Skype para comunicar connosco ou partilhar fotos. Vivemos rodeadas de tecnologia.

Apesar disso (e obviamente generalizando), muitas de nós não se consideram *"woman in tech"*. Deixamos essa etiqueta para quem estudou tecnologia, para as poucas informáticas que sabem resolver os problemas que ainda associamos a uma tarefa masculina.

Estas situações são motivadas em grande parte por não existirem *"role models"* à nossa volta e as profissões mais tecnológicas estarem associadas a homens. É verdade que nas décadas anteriores, a tecnologia era mais usada em contexto de negócio do que em benefício dos consumidores finais. E aí, por uma série de questões maioritariamente culturais, os homens dominavam o mercado de trabalho. No entanto, as mudanças dos últimos 10 anos foram tão significativas (há 10 anos não havia WhatsApp ou Facebook) que a forma como o mundo funciona hoje e a forma como a tecnologia influenciou essas

mudanças ainda não está enraizada na geração mas activa profissionalmente.

As mulheres são uma parte tão importante como os homens em desenvolver novos produtos, fazer o marketing desses mesmos produtos, perceber a melhor forma de os vender e o que pensa quem os compra. Melhor, o que nos diferencia neste ecossistema é a diversidade de perspectivas e a forma distinta de pensarmos e tomarmos decisões.

Somos cerca de 50% do mercado, temos de assumir o papel relevante que esse peso tem e não é sequer desejável convencermo-nos do contrário ou comportarmo-nos como homens para tentar *"fit in"*. Usamos tecnologia como consumidoras finais, usamo-la como base do nosso trabalho, e por isso temos de ter um papel activo nesse ecossistema. Somos todas *"woman in tech"*.

MITOS E BARREIRAS À MAIOR PRESENÇA DE MULHERES NAS ÁREAS TECNOLÓGICAS

Por Teresa Fernandes

Mentora e Advisor do Board da AICEP

Sou Engenheira de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho, do longínquo ano de 1994. Quando as pessoas descobrem, mesmo no meio empreendedor onde me movimento, acham estranho. Suponho que comparam com o estereótipo que associam a esse perfil. No meu ano éramos quase 40% de mulheres (espanto!) mas, para ser honesta, nem todas as que concluíram se mantiveram em áreas tecnológicas. As que o fizeram foram para áreas de processo e sistemas de informação e não tanto para desenvolvimento e redes (mais na fronteira tecnológica)

Vamos lá endereçar o problema de frente. Quais os mitos que fazem com que sejamos ainda um bicho relativamente raro? Não pretendo fazer uma análise académica desta temática mas vou tentar sistematizar pelo que falo com pessoas e pelo que leio nas redes sociais e blogs.



MITO 1: Engenheiros precisam ser muito bons em Matemática

Este mito é a grande fonte de eliminação de mais mulheres à entrada. Quando na escola secundária começam as maiores dificuldades em Matemática, ala que se faz tarde... Pois é, tenho que vos dizer que nas áreas tecnológicas não se passa a vida a resolver equações diferenciais e derivadas de segundo grau. Nada disso. O engenheiro, programador ou afiliado (exceto em situações pontuais associadas a tecnologias neuronais), passa a vida a estruturar situações, a resolver problemas, a testar aproximações. E, minhas amigas, há alguém mais "problem solver" que o género feminino?

MITO 2: Os engenheiros são anti-sociais

O velho mito diz que os engenheiros são introvertidos, individualistas e com dificuldades de comunicação e relacionamento com outros. Mas se forem às empresas mais inovadoras do mundo, o trabalho de cada pessoa depende muito da sua capacidade de se relacionar com outros

e de integrar a informação e perspetivas de outros. A velocidade de inovação é tão grande que ninguém consegue, de forma eficiente, trabalhar sozinho. Por isso, as empresas mais dinâmicas do mundo começam a investir cada vez mais tempo na criação de "team building" e os CEOs dessas empresas a preocuparem-se com aspetos referentes à cultura da organização, código de conduta e diversidade de género. Outro mito sem adesão à realidade!

MITO 3: O acesso e progressão nas áreas tecnológicas está dificultado às mulheres

A minha experiência é completamente contrária. Nunca senti que tenha sido preterida por razão de género.

Aliás, julgo que ser mulher é um fator distintivo: conseguimos surpreender mais facilmente e, como somos menos, é mais fácil distinguirmo-nos na multidão. Claro que vai sempre haver uns preconceituosos e alguns abusadores mas isso é como tudo na vida. Há sempre más pessoas de quem teremos de nos afastar e confiar que existem mecanismos de punição (esperamos que mais cedo que tarde).

Mas se de facto são apenas mitos, será que com difusão de informação se vai lá? Será que não há mesmo barreiras naturais que devemos ultrapassar para que mais mulheres possam aderir a estas áreas tão necessárias e relevantes no futuro?

GEEK IS CHIC

por Maria Costeira

Investidora, Fundadora e ex-CEO da XPand, Advisor para tecnologias Health & Nano

Não tenho dúvida de que feminilidade e inteligência em nada são contraditórias nem se excluem mutuamente num percurso de vida marcado pelo êxito pessoal e profissional. Todos os dias me lembro disso, nem que seja por causa do sticker que tenho no meu portátil: *geek is chic*.

Eu não tenho *background* em ciências, engenharia ou tecnologia. Falo deste



tema como alguém que se apaixonou por empresas tecnológicas e pelas engenharias. *Holder* de mais de 20 patentes em tecnologias de visualização e *tech med*, trabalhei e estudei arduamente para me adaptar a estes setores. Esta paixão atingiu-me depois de um percurso bem sucedido no deslumbrante mundo do entretenimento de

Hollywood... Sim, deixei de lado *movie premières* para me dedicar a problemas de decisão de moldes de 1 ou 2 cavidades!

Mas isto não é comum: a Microsoft fez um estudo na Europa a 11 500 raparigas e, com a exceção da Rússia, o interesse pelas STEM e a existência de role models nessa área cai dramaticamente a partir dos 15 anos. Mas garanto-vos que nunca houve um tempo histórico tão bom para se ser geek e essa podia ser a sinopse de um livro de leitura obrigatória para todas as raparigas com mais de 12 anos, *The Fangirl's Guide to the Galaxy: A Handbook for Girl Geeks*.

No nosso país, apesar dos inúmeros casos de sucesso de mulheres nestas áreas, não os há com suficiente exposição mediática para servirem como elemento motivador das novas gerações de miúdas. Nem para persuadir os pais, que maioritariamente as incentivam a seguir áreas mais convencionais, esquecendo-se que, na maioria dos casos, as raparigas têm maior potencial académico que os rapazes e que teriam acesso a carreiras com elevadas perspetivas de empregabilidade e remuneração.

A sensibilização também devia chegar às professoras (sim, porque a maior parte são mulheres!), que deviam reconhecer que as meninas têm as mesmas aptidões que os meninos para profissões técnicas e científicas. Também é importante que os nossos companheiros de vida entendam que "a família" (nota: eu sou uma mãe babada!) e a vida doméstica não são valores exclusivamente femininos e que as mulheres podem gostar de fazer modelos computacionais e estarem simultaneamente preocupadas com o vestido que se vai levar àquela festa de sexta-feira à noite.

Podia introduzir-vos a muitas mulheres-exemplo desta área, mas escolhi a Diana Prata. É neurocientista de profissão e *performance-artist* de passatempo. A Diana é investigadora principal do Instituto de Medicina Molecular de Lisboa e regressou há pouco do King's College em Londres, onde entre outras coisas, fez o doutoramento. De tamanho *petit* e um sorriso constante, consegue cativar a atenção dos comuns mortais financeiros para um tema científico tão complexo como a neurodegeneração, ainda que estes quando pensem em *medtech* associem a risco, long term, muito investimento e equipas difíceis de gerir!

AS MULHERES-EXEMPLO DA TECH-SCENE PORTUGUESA

UM DIA COM...

UM DIA COM...

ANA SILVA

Open Innovation Manager na SONAE



O dia acorda estranhamente quente para outubro. Espreito o e-mail pessoal, o Whatsapp, o Facebook e o e-mail profissional ainda ensonada, antes do pequeno-almoço. A rotina é quase sempre a mesma: procuro saber logo pela manhã o que aconteceu no mundo enquanto dormia (nem sempre as notícias são animadoras, infelizmente) ou se a agenda de trabalho desse dia vai precisar de sofrer alguma alteração.

Segue-se um pequeno almoço, que se não incluir café não é digno do nome. Vícios tenho muito poucos e café talvez seja um deles, mas procuro que a dose diária não ultrapasse três.

Neste dia decidi trabalhar fora da empresa. Os escritórios em *open space* são excelentes para

promover a interação entre colegas, mas não são a escolha mais eficiente quando o dia exige concentração em alta e chamadas em conferência consecutivas.

Munida de portátil e auscultadores (que me acompanham sempre) a jornada começa com o alinhamento interno do arranque de um projeto de desenvolvimento de produtos alimentares inovadores com os colegas em Lisboa. Segue-se uma chamada por *appear.in* (que uso cada vez mais para videoconferência em pequenos grupos) com uma startup espanhola. Hesito entre o castelhano (que adoro!) e o inglês, mas como domino melhor a terminologia técnica nesta última e o 2.º café ainda não fez efeito, a conversa segue na língua de Shakespeare. Discutimos o impacto da digitalização e análise avançada de dados nas áreas de saúde, bem-estar e nutrição saudável.

Interessar-me por tecnologia reflete-se no meu percurso profissional (e também na minha experiência enquanto docente, um verdadeiro privilégio) no modo como analiso o papel das tecnologias de comunicação, informação e outras na transformação dos modelos

de negócio, nas oportunidades de criação de novos produtos, serviços ou plataformas, na evolução de cada indivíduo ou grupo enquanto consumidores ou utilizadores. Trabalhando em inovação aberta, tenho a honra de discutir estes impactos e planear respostas do ponto de vista estratégico e tático, em colaboração com parceiros extraordinários das áreas de investigação e desenvolvimento, do mundo do empreendedorismo, das PME's ou de grandes empresas, nacionais e internacionais.

Após o almoço (e o 3.º café, claro está!) o dia segue com mais reuniões à distância, incluindo uma para pôr em marcha a sessão inaugural de um projeto de I&D no qual exploraremos o papel de novas tecnologias no futuro da rastreabilidade alimentar.

“Trabalhando em inovação aberta, tenho a honra de discutir estes impactos e planear respostas do ponto de vista estratégico e tático”

Termino alguns documentos e planeio algumas viagens da semana seguinte (esta semana não me obriga a tal), conseguindo ainda encaixar uma entrevista por telefone com uma jornalista interessada em saber mais sobre a visão das mulheres portuguesas relativamente a tecnologia e comunidades como a Portuguese Women in Tech.

Não sei se descrevi um dia típico até porque me pergunto: será que os tenho? :)

UM DIA COM...

ANA PIMENTEL

Coordenadora de Tecnologia
e Startups no Observador



Quando o despertador toca, carrego mais vezes no *snooze* do que aquelas que gostaria de admitir. São aquele tipo de pessoa que se levanta num ápice? Adorava. O meu toca repetidamente e entre um *snooze* e o outro, já tenho no ecrã do telemóvel as *breaking news* do dia: primeiro as internacionais e depois as portuguesas. Ao todo, são 12 as apps de notícias que tenho descarregadas. Quando me levanto da cama, já tenho o mundo todo no telefone. É inevitável: acordo logo a sentir-me atrasada.

Enquanto tomo o pequeno-almoço -- olá café --, faço um *scroll* rápido no visor, mas só abro o que mais me interessa. Dou uma vista de olhos no e-mail (para ver se há algo urgente), passo para os chats -- iMessage, Messenger, WhatsApp -- e as redes sociais: Facebook, Instagram,

Twitter. Ainda nem me vesti e já perdi a conta às notificações. Faço um *checkup* rápido, deixo as respostas para depois. No final do pequeno-almoço, abro a minha app preferida: a Headspace. São três, cinco ou dez minutos de meditação por manhã, consoante o tempo que tenho. Sim, sou completamente fã do Andy Puddicombe.

Nos 30 minutos que demoro a chegar à redação, leio quase todas as newsletters que subscrevo: as (obviamente) portuguesas e as (muitas) tecnológicas. Só as techies, são bem mais de dez. E esta é uma das coisas mais importantes do meu dia. Quando me sento para começar a trabalhar, já estou inteirada das novidades. E reparem: o dia de trabalho ainda nem sequer começou.

O meu interesse pela revolução digital veio com o meu trabalho. Não foi uma coisa que me chegou entre conversas de amigos, de uma paixão pessoal, de um apetite incrível por programação ou por lançar um negócio. O meu interesse por tecnologia começou no dia em que percebi que eram precisas mais vozes para contar a história da revolução digital. Aquela que ainda ninguém conhece bem, que traz tantas vantagens

“ Nos 30 minutos que demoro a chegar à redação, leio quase todas as newsletters que subscrevo: as (obviamente) portuguesas e as (muitas) tecnológicas. Só as techies, são bem mais de dez ”

quanto medos, que desafia conceitos, que mexe com a forma como nos relacionamos, apaixonamos, compramos coisas, escolhemos o que fazemos. Quis fazer perguntas, ir atrás de respostas. Quis perceber que geração é esta que está a mudar a nossa vida. Quis fazer parte desta história, quis contá-la. E para contá-la, tenho de ler e ler e ler. Não leio tanto quanto gostaria, porque as notificações que preencheram as primeiras horas da manhã arrastam-se durante o dia. Às vezes, à noite, deixem-me confidenciar-vos: para salvaguarda da minha vida offline, meto-me em “modo de voo”. Porque senão cuidarmos de nós, não há *app* que nos valha.

JUNTA-TE À COMUNIDADE

GIRLS LEAN IN

www.facebook.com/girlsleanin



A Girls Lean In é uma comunidade que quer dar voz às mulheres, para que compartilhem as suas histórias e inspirem outras. É uma forma de mostrar que, com vontade e persistência, as mulheres podem atingir todos os seus objetivos profissionais e ter uma família de sucesso, que também vencem no mercado de trabalho e que a igualdade de género é um caminho que todos devemos ajudar a construir.

**“A Girls Lean In quer dar voz
às mulheres que arriscam”**

Catarina Campos, co-fundadora



CHICAS PODEROSAS

www.chicaspoderosas.org

“Na Chicas não há medo de falhar, porque é quando nos permitimos falhar que estamos um passo mais perto do sucesso”

Mariana Santos, fundadora e CEO

Fundada por Mariana Santos em 2013, a Chicas Poderosas nasceu da necessidade de termos mais mulheres a trabalhar em tecnologia nos meios de comunicação e faz a ponte entre mulheres que querem aprender mais sobre temas como tecnologia ou inovação digital. O objetivo é dar-lhes ferramentas e mostrar-lhes como se fazem estes projetos de comunicação inovadores e originais. O seu sucesso deve-se à grande rede de embaixadoras a nível mundial, que trabalha em pura colaboração e espírito de equipa.

**WOMEN
TECH
MAKERS**

www.womentechmakers.com



A Women Techmakers (WTM) faz parte de um programa da Google, cujo principal objetivo é não só desenvolver recursos que ajudem a minimizar a “gap” entre mulheres e tecnologia mas também criar uma comunidade que dê maior visibilidade a este tópico. A WTM promove meetups quer para ensinar a utilizar ferramentas e serviços da Google quer para que mulheres a trabalhar em cargos tecnológicos possam partilhar as suas experiências e a forma como ultrapassam os desafios diários.

“A Women Techmakers faz parte de um movimento que pretende criar recursos para que a mulher tenha cada vez mais presença nas decisões das empresas tecnológicas”

Isabel Portugal, representante da Comunidade em Portugal



**“ Na programação foi inventada
por uma mulher antes de haver
computadores.
Nós mulheres temos capacidade para
fazer o que quisermos! ”**

Ana Sofia Pinho, Embaixadora das Geekettes em Portugal

A Geekettes é uma organização internacional, fundada por Jess Erickson e Denise Philipp, que cria iniciativas para mulheres que são ou aspiram a ser inovadoras na área da tecnologia. A Portugal Geekettes faz parte desta rede e organizam eventos de programação, marketing, design e empreendedorismo.

EUROPE FEMALE FOUNDERS

www.europesfemalefounders.com



A Europe Female Founders foi fundada em 2017 e engloba uma série de meetups onde as mais bem-sucedidas *women in tech* de toda a Europa podem partilhar as suas histórias e aconselhar outras mulheres. O objetivo é promover a diversidade na indústria tecnológica e aumentar o número de mulheres com os seus próprios negócios, fundadoras de startups.

**“ A diversidade de género é um
tijolo essencial na
construção das mais bem-sucedidas empresas.
A Europa precisa de mais mulheres
na tecnologia. Nós criámos uma
iniciativa para fazer isso acontecer ”**

Yannick Oswald, fundador



SHE CODES

www.shecodes.io/#mission

“O She Codes é uma ótima oportunidade para que todas as mulheres se sintam ainda mais motivadas para trabalharem na área tech”

Celina Cabral, estudante

O She codes quer diminuir a desigualdade de género na indústria da programação tecnológica através de um workshop de 12 horas desenhado para ensinar código a mulheres e ajudá-las a evoluir rapidamente para também elas fazerem parte desta indústria, em rápido crescimento. O curso, iniciado por Matt Dellac e com base em Lisboa, vai formar 100 mulheres já no próximo ano.



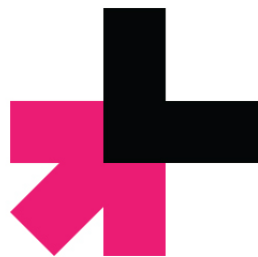
RAILS GIRLS

www.railsgirls.com

O Rails Girls é um workshop de programação de dois dias onde mulheres criam a sua aplicação em Ruby on Rails. Esta organização foi fundada por Linda Liukas e Karri Saarinen em 2010 e já mais de 160 workshops foram organizados por todo o mundo, incluindo Porto, Braga e Lisboa.

“Para a minha geração, o software é a interface entre a imaginação e o mundo real”

Linda Liukas, fundadora do Rails Girls
e autora do livro "Hello Ruby"



**HE FOR SHE
PORTUGAL**

www.heforshe.org

**“Serás quem quiseres,
como quiseres,
e que ninguém te diga
o contrário”**

José Fidalgo, ator e embaixador HeForShe Portugal

O HeForShe é um movimento com vista a um esforço global pela igualdade de género, fazendo parte dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável 2030 da ONU. Tem como embaixadora internacional a atriz Emma Watson e a particularidade de apelar à consciencialização de rapazes e homens tratando a temática como uma questão de direitos humanos.

**THE NEW
DIGITAL
SCHOOL**

www.thenewdigitalschool.com

The New Digital School

A New Digital School é uma escola de Design Digital sem professores, currículo ou método de avaliação. Em vez disso, é centrada no estudante, orientada à indústria e baseada num espírito de comunidade. Quer trazer maior diversidade à indústria tecnológica e oferece uma bolsa de 30% para ajudar nos estudos de duas “women in tech”.

**“A figura central não é o professor, mas
o aluno. Como não há dois alunos iguais,
o programa não pode ser estático”**

Tiago Pedras, fundador

EVENTOS

QUE NÃO PODES PERDER



PIXELS CAMP

www.pixels.camp

O Pixels Camp são três dias de *non-stop tech* com pessoas super inovadoras; talks dezenas de tópicos; workshops e uma competição de 48 horas de programação. Tens ainda a oportunidade de entrar num programa de aceleração post-Pixels e levar o teu projeto mais longe.



HACK FOR GOOD

www.hackforgood.pt

O Hack for Good é um hackaton promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e é uma autêntica maratona de tecnologia. O objetivo é promover o desenvolvimento de soluções tecnológicas que resolvam problemas sociais reais. Em 2017, o desafio foi tornar os desafios dos refugiados em oportunidades.



ATIVAR PORTUGAL by Microsoft

www.startups.ativarportugal.pt

O Ativar Portugal Startups tem como missão usar a inovação e a tecnologia como motor de crescimento económico do país. Para isso, desenvolveu uma comunidade de inovadores, Governo, *accelerators* e *venture capitalists* de apoio a empreendedores e startups. Todos os anos, organizam um dia cheio de workshops, conferências e *matchmaking*.

WEB SUMMIT
www.websummit.com



O Web Summit começou em 2010 com o simples objetivo de conectar a comunidade tecnológica com velhas e novas indústrias. A partir daí, cresceu e evoluiu rapidamente até se tornar a “maior conferência de tecnologia do mundo” e, garante a organização, serem os responsáveis pela “melhor conferência de tecnologia do planeta”.

PRODUCTIZED CONFERENCE

www.productized.co



Um evento dedicado aos gestores e apaixonados por design de produto que reúne líderes mundiais das duas áreas em Lisboa para descobrir novos processos e discutir a criação e gestão de produtos incríveis. São vários dias cheios de *talks* inspiradoras e fantásticos workshops.

LISBON INVESTMENT SUMMIT

www.lis-summit.com



A Lisbon Investment Summit é a mais formal e inesperada *startup conference* da Europa. Reúne investidores de topo, empreendedores e executivos de todo o mundo num ambiente casual e descontraído.

O objetivo é a criação de oportunidades únicas de *networking* e investimento real.

HACKACITY

www.hackacity.eu/porto



O Hackacity é um hackathon de 24 horas que desafia hackers, tais como programadores e data scientists, a pensar em soluções que valorizem dados fornecidos por cidades e a desenvolver aplicações que tenham impacto na vida dos cidadãos.



PORTO SUMMER OF CODE

www.makeorbreak.portosummerofcode.com

O Porto Summer of Code é uma competição direcionada a todos os estudantes do ensino superior com gosto pela programação, que os desafia a desenvolver uma aplicação de software em apenas três dias. Os estudantes são orientadas por mentores de empresas como a Deloitte, a WIT Software, a Blip, entre outras.



RAILS GIRLS SUMMER OF CODE

www.railsgirlssummerofcode.org

O Rails Girls Summer of Code oferece uma bolsa de 3 meses para apoiar mulheres a programar em projetos Open Source com a ajuda dos criadores dos projetos e coaches. Conta já com a participação de cerca de 200 estudantes de todo o mundo que quiseram iniciar uma carreira em programação.



PORTO STARTUP COFFEE

www.meetup.com/PortoStartupCoffee

O Porto Startup Coffee promove uma série de *meetups* informais que reúnem empreendedores, investidores, curiosos... e todos aqueles interessados no empreendedorismo no geral. A ideia é criar um espaço e um momento em que todos se reúnem para um café, uma cerveja e, claro, networking com pessoas interessadas nos mesmos tópicos. Uma boa oportunidade de aprender, partilhar e discutir ideias!

I/O SESSIONS

www.meetup.com/i-o-Sessions

As i/o Sessions são um evento organizado pelo Porto i/o, com partilha e comunidade em mente. O objetivo, diz a organização, é o de "promover a partilha de conhecimento enquanto se junta gente maravilhosa sob um só teto".

WORDPRESS MEETUP

www.meetup.com/WP-Porto



Um meetup que reúne periodicamente não só todos os interessados em tecnologia mas também os amantes do Wordpress. Cada encontro tem um tema específico que pretende ensinar a quem por lá aparece a melhor forma de tirar partido das ferramentas do Wordpress na altura de desenvolver um negócio.

PORTO TECH HUB

www.portotechhub.com



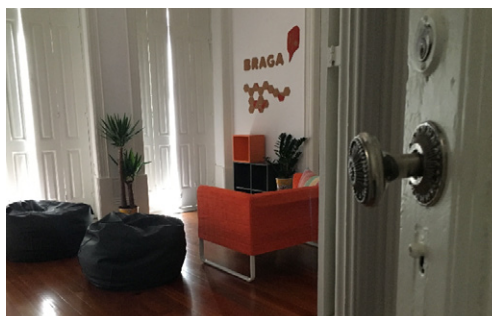
O Porto Tech Hub nasceu em 2015 com o objetivo de conectar a comunidade tecnológica da cidade com os melhores oradores a nível mundial e as melhores e mais inovadoras tendências da tech-scene internacional. Gurus da Google, Facebook, Ebay, Spotify ou IBM já marcaram presença em edições passadas. Em 2017 a Porto Tech Hub Conference reuniu mais de 800 participantes.

ECOSYSTEM PLAYERS

Braga i/o

O Braga i/o é o novo espaço de cowork no coração da cidade Minhota. Este projecto nasceu como *spin-off* do hub digital

Porto i/o, o seu contraponto na cidade Invicta, contando com o apoio da Bracarense Subvisual, que lidera a comunidade digital de Braga.



www.braga.io

Rua dos Capelistas, 93, 1º
4700-307 Braga
Portugal



www.investbraga.com/startup

Edifício CNRATON
Praça Conde Agrolongo, n.º 123
4700-312 Braga

Start Up Braga

Hub de inovação desenvolvido em parceria com a Microsoft Ventures e desenhado para apoiar a criação e o desenvolvimento de projetos portugueses com elevado potencial empreendedor nos mercados internacionais. Os programas de aceleração que disponibilizam são direcionados maioritariamente a startups com ambições globais.



www.factorybraga.com

EN101, Avenida Barros e Soares, n.º 423
4715-214 Braga

Factory Braga

O Factory Braga pretende ser não só um espaço de co-work para diferentes empresas mas também uma academia de formação de referência e uma comunidade ativa onde se partilham conhecimentos entre empreendedores, profissionais e curiosos.

UPTEC

O UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto foi criado para facilitar e apoiar a transferência de conhecimento da universidade para o mercado. Dividido por quatro pólos temáticos - Tecnologias, Indústrias Criativas, Biotecnologias e Mar -, promove a criação de empresas de base tecnológica, científica e criativa.



www.uptec.up.pt

Edifício Central
Rua Alfredo Allen, n.º 455/461
4200-135 Porto

ScaleUp Porto

O ScaleUp Porto. é uma iniciativa da Câmara Municipal do Porto e pretende ser um catalisador do ecossistema de inovação da cidade, oferecendo à comunidade tecnológica todas as ferramentas e conhecimento para que mais rapidamente escalem e se apresentem ao mundo.



www.scaleupporto.pt

Câmara Municipal do Porto
Praça General Humberto Delgado
4049-001 Porto



www.porto.io

Rua Cândido dos Reis 81,
4050-152 Porto

Porto i/o

O Porto i/o é o coworking de referência no Porto. Oferece escritórios na Baixa; na Ribeira, com vista para o Rio; e em Matosinhos, a dois passos da praia. As portas estão abertas para todos os coworkers mas acolhe maioritariamente developers e solo workers ligados ao mundo digital.



www.founders-founders.com

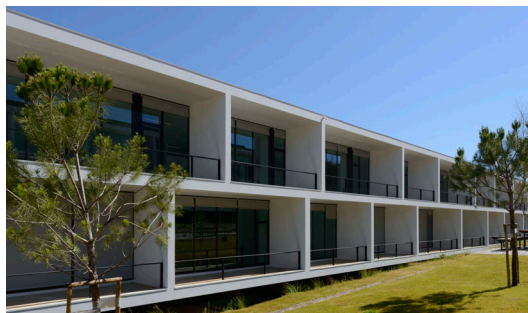
Rua da Constituição 346-358
Porto, 4200-192 Portugal

Founders Founders

A Founders Founders é a segunda casa de muitos empreendedores e startups em diferentes períodos de evolução. A ambição da Founders é ser uma verdadeira comunidade onde todos são tratados como família e os eventos servem para alimentar uma relação próxima entre todos os "habitantes".

Instituto Pedro Nunes

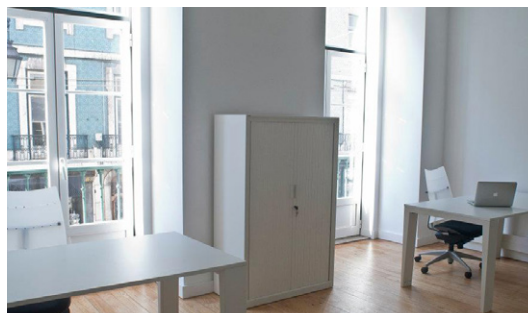
Criado pela Universidade de Coimbra, o Instituto Pedro Nunes pretende promover a inovação e a transferência de tecnologia, estabelecendo a ligação entre o meio científico e tecnológico e o tecido produtivo. Promove a investigação, a formação e é incubadora de empresas de base tecnológica.



www.ipn.pt
Rua Pedro Nunes
3030 - 199 Coimbra

Startup Lisboa

Fundada pela Câmara Municipal de Lisboa, Banco Montepio e IAPMEI, a Startup Lisboa apoia a criação e o desenvolvimento de novas empresas. Para além do espaço físico, providencia aos empreendedores a mentoria e o suporte de que necessitam para desenvolver o seu negócio nos primeiros anos de atividade.



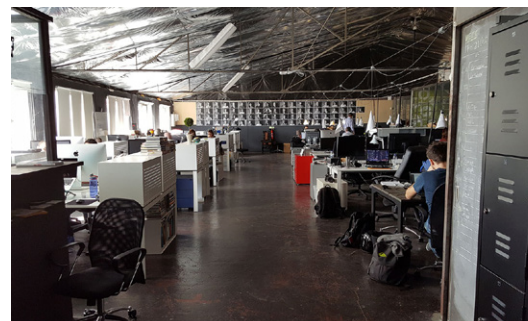
www.startuplisboa.com
Rua da Prata, 80
1100-420 Lisboa



www.beta-i.pt
Avenida Casal Ribeiro, n.º 28
1000-092 Lisboa

Beta-i

Considerada “the top incubator in town” pela Wired Magazine, a Beta-i já é uma referência. O objetivo não passa pela criação de novas empresas mas pelo crescimento de empresas já estabelecidas através do “startup method”, como a imersão em programas de aceleração ou o apoio à procura de investimento.



www.coworklisboa.pt
Rua Rodrigues Faria 103
LxFactory - Edifício I - 4º Andar
1300-501 Lisboa

Cowork Lisboa

Nómadas, freelancers ou empresas podem juntar-se neste espaço de coworking que pretende privilegiar a troca de ideias, a diversidade e a entreajuda. O Cowork Lisboa, o primeiro cowork do país, oferece o espaço e o ambiente necessários para quem trabalha sozinho ou quer fazer crescer a própria empresa.

A TECH-SCENE FEMININA... EM NÚMEROS



PORQUE É QUE AS MULHERES AINDA SÃO UMA MINORIA NA TECNOLOGIA?

O top 4 de respostas

33%

Tech leaders e role models são maioritariamente masculinos

22%

As Tecnologias da Informação ainda são percebidas como uma área dominada pelo sexo masculino

14%

Falta de balanço entre vida pessoal e trabalho

14%

As instituições de ensino não encorajam as raparigas a seguir carreiras tecnológicas

O estudo global "Future Tech Workforce: Breaking Gender Barriers", levado a cabo pela associação internacional ISACA em Novembro de 2016, concluiu que, nos dias que correm, as mulheres a trabalhar em tecnologia ainda enfrentam barreiras significativas.

Os resultados apresentados tiveram em conta a opinião de mais de 500 mulheres e mostram que ainda há muito a fazer para se construir uma poderosa tech workforce no futuro, onde as mulheres sejam representadas de forma igualitária e justamente compensadas.

PAGAMENTO DESIGUAL

43%

diz receber menos que os colegas do sexo masculino sem razão definida

23%

diz que homens e mulheres são compensados pelo mérito



AS 5 BARREIRAS MAIS COMUNS EXPERIENCIADAS PELAS MULHERES NA TECNOLOGIA

48%

Falta de mentores

42%

Falta de role models femininos na área

39%

Discriminação de género no local de trabalho

36%

Oportunidades de crescimento desiguais em relação aos homens

35%

Pagamento desigual em relação aos homens ainda que com as mesmas habilitações

FACTOS

8 em cada 10 mulheres tem um supervisor masculino



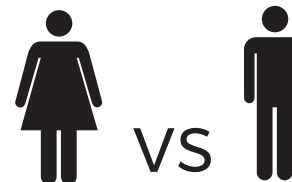
9 em cada 10 mulheres preocupa-se com a falta de mulheres no sector tecnológico



1 em cada 5 organizações ou empresas demonstram preocupação e interesse em contratar mulheres para cargos tecnológicos



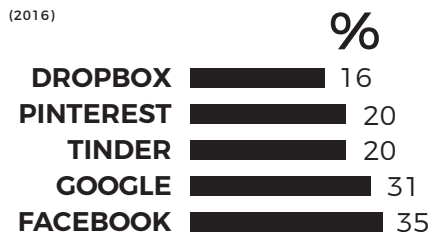
1 em cada 5 organizações ou empresas não demonstram de todo preocupação e interesse em contratar mulheres para cargos tecnológicos



Um estudo de 2014 da Harvard Business School mostrou que o os homens têm maiores probabilidades de conseguir financiamento, mesmo quando ambos usam exatamente o mesmo pitch. Os venture capitalists escolheram sempre o homem em vez da mulher. De acordo com o Center for Venture Research, apenas 7% do venture capital funding nos Estados Unidos é canalizado para negócios liderados por mulheres.

FONTE: "Investors prefer entrepreneurial ventures pitched by attractive", by Alison Wood Brooks, Laura Huangb, Sarah Wood Kearneyc and Fiona E. Murraycmen; Harvard Business School

PERCENTAGEM DE MULHERES NAS GRANDES EMPRESAS (2016)



26%



2016
dos profissionais de computação eram mulheres

57%



2016
dos alunos licenciados eram mulheres

18%



2015
Percentagem de mulheres que, se licenciaram em Computer and Information Sciences.

37%



1985
Percentagem de mulheres que, se licenciaram em Computer and Information Sciences.

FONTE: "Crowdsourced repository of women in software engineering stats"

FONTE: National Center for Women and Information Technology

PELO OLHAR DOS HOMENS

FREDERICO CARPINTEIRO

Co-Founder
da Adapttech



"Quando se trata de trabalhar a inovação e de criar produtos de qualidade, uma equipa o mais diversa possível é fundamental. Na Adapttech, tem sido extremamente importante poder contar com os *inputs* das mulheres da equipa, que não só são as melhores na sua área como também têm um grande impacto na melhoria de toda a cultura empresarial".

NUNO VELOSO

Co-founder
da Marzee Labs



"A Marzee Labs é uma empresa multicultural e valorizamos a diversidade na equipa, seja ela de género, crença, etnia ou nacionalidade. Uma equipa sem fronteiras é das melhores chaves para o sucesso: a empresa será mais rica, mais forte e mais unida em torno dos mesmos objetivos. Esta é a razão da Marzee Labs ser um founding partner da iniciativa Portuguese Women in Tech".

PEDRO TEIXEIRA

People Engineer
na Mindera



"Ter mulheres nas equipas de tecnologia é ganhar um equilíbrio de energia, foco e sensibilidade para os desafios mais extremos. No futuro, não vai fazer sentido de outra forma... e é verdade que esta área é maioritariamente masculina, mas vejo a contribuição das mulheres além dos números: no impacto de mudar os processos, as empresas, as comunidades e a sociedade tecnológica do futuro."

JOÃO BARROS

Co-fundador
e CEO da Veniam



"Na Veniam, vivemos sem fronteiras de género, idade ou cultura. Desde o 1º dia, contamos com duas co-fundadoras reconhecidas internacionalmente nas áreas da ciência, tecnologia e ambiente. Acreditamos na meritocracia tanto quanto somos comovidos por pessoas autênticas, competentes e ousadas, que estimulam nos outros a paixão e dedicação que aplicam a tudo o que fazem."

INSPIRAÇÃO ALÉM-FRONTEIRAS



KIMBERLY BRYANT

Fundadora e Diretora Executiva da Black Girls Code

Em 2013, a Casa Branca atribuiu-lhe o título de "Champion of Change for Tech Inclusion". O seu projeto Black Girls Code quer diminuir as minorias na área, ensinando conceitos básicos de programação a raparigas afro-americanas entre os 6 e os 17 anos e incentivando-as a desenvolver outras competências nas áreas da matemática, tecnologia e engenharia.



MELINDA GATES

Filantropista e Co-Fundadora da Fundação Bill & Melinda Gates

Estudou Ciências da Computação, integrou a Microsoft e contribuiu para o desenvolvimento de muitos dos produtos desta empresa americana. Em 2000, fundou a Fundação Bill & Melinda Gates. Em 2016, anunciou o seu interesse em começar a trabalhar diretamente no problema da falta de mulheres nas áreas tecnológicas.



SUSAN WOJCICKI

Youtube CEO

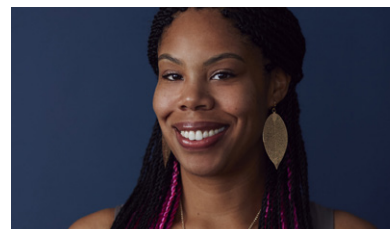
Número dois da lista Forbes das mulheres mais poderosa em Tecnologia. Foi a primeira *Marketing Manager* da Google e foi a responsável pela bem-sucedida e megalómana aquisição do YouTube pela multinacional, em 2006.



ANGELA AHRENDTS

Senior Vice-President of Retail na Apple

Responsável pela estratégia, desenvolvimento e operações nas lojas físicas da Apple, Angela chegou à empresa em 2014 e revolucionou o *customer service* da empresa americana. Antes de chegar à Apple, Angela era CEO da Burberry.



ERICA BAKER

Senior Engineering Manager na Patreon e Co-Fundadora do Project Include

Trabalhou na Google, na Slack e em 2017 aceitou o desafio de gerir uma equipa na Patreon. Para além disso, pertence ao Board of Directors da Girl Develop It, é Tech Mentor na Black Girls Code e foi ainda co-fundadora do Project Include, uma comunidade que pretende construir e nutrir a diversidade e a inclusão nas empresas tech.



SHERYL SANDBERG

Facebook Coo e Fundadora da LeanIn.org

A primeira mulher a fazer parte do *board of directors* do Facebook. Considerada pela Forbes, pelo quinto ano consecutivo, a mulher mais poderosa em Tecnologia. É conhecida por defender o *empowerment* feminino no local de trabalho e a divisão igualitária de tarefas em casa.

1

(IN)FORMA-TE

Tenta saber mais, aprende e usa todas as ferramentas que tens ao teu dispor! Tu crias as tuas próprias regras e só depende de ti aproveitar todas as possibilidades para um dia chegares mais longe.

2

**DEFINE UM OBJETIVO**

Define exatamente o que queres, a tua meta... seja ela teres o teu próprio projeto ou conheceres alguém. A verdade é que no momento em que sabes exatamente o que queres, podes começar a lutar para o conseguir.

3

**VAI A EVENTOS**

Os eventos podem ser a forma mais fácil de conheceres quem te possa ajudar a alcançar o teu objetivo... mas também a aprender mais, a descobrir novas realidades e a abrir horizontes. A melhor parte? Muitos deles são de livre acesso - aproveita!

FAZ**ACONTECER!**

4

**FAZ CONTACTOS**

Não custa nada abordar a pessoa com quem gostarias de falar. O máximo que pode acontecer é ouvires um 'não'... mas a maior parte das vezes tens uma agradável surpresa e as pessoas são simpáticas, disponíveis e prontas a partilhar o melhor que têm: a experiência. Não deixes passar a oportunidade!

5

**PEDE CONSELHOS**

Faz perguntas a quem já alcançou o que desejas! A verdade é que, enquanto aproveitas cada novo conhecimento e montas o teu próprio puzzle, o conselho de quem já fez exatamente esse percurso pode ser a peça que falta.

6

**MAKE THINGS HAPPEN!**

Não precisamos de dizer mais nada, certo? Quando tiveres toda a informação que te pode ajudar a avançar, traça um plano, põe a mão na massa e não desistas até conseguires! Vais ficar surpreendida com o que és capaz de fazer e o quão rápido consegues alcançar a tua meta!

FICHA TÉCNICA

Um agradecimento especial a todos os que tornaram este guia uma realidade e a todos os que contribuíram diretamente para preencher estas páginas.

Em particular, um agradecimento à Câmara Municipal do Porto, através da estratégia ScaleUp Porto, que tornou possível o desenvolvimento deste projeto.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Liliana Pinho

PRODUÇÃO

FES Agency - www.fesagency.pt

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Liliana Castro e Liliana Pinho

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Liliana Castro

DESIGN

Marzee Labs

IMPRESSÃO

Colorshow

Exemplares

1000 - edição 1



CURATED BY



POWERED BY



SUPPORTED BY



WWW.PORTUGUESEWOMENINTECH.COM



© 2017 PORTUGUESE WOMEN IN TECH